

# **APLICAÇÕES DA PSICANÁLISE NA VIOLÊNCIA COTIDIANA**

## **A POLÍTICA DO SINTOMA: A CLÍNICA DOS GRUPOS**

**Orientador: Marcus André Vieira**

**Alunas: Bruna Musacchio Guaraná e Juliana Kaminski do Prado**

### **1. Introdução**

A pesquisa visa discutir as micro-mudanças que a Psicanálise Aplicada pode promover, apostando no sintoma como expressão de sofrimento psíquico do sujeito quando inserida em um centro de atendimento gratuito em uma comunidade.

O objetivo básico da pesquisa é avaliar as conseqüências e impactos da aplicação de um dispositivo analítico em grupos no Complexo da Maré. Pretende-se verificar, como será descrito detalhadamente aqui, a hipótese de que apostando-se na vivência sintomática de que o usuário está e ao mesmo tempo é sujeito, pode-se infimamente alterar a configuração social da comunidade, interferindo assim na violência cotidiana. Dado esse objetivo inicial multiplicam-se questões secundárias de grande interesse para a comunidade científica bem como para a articulação e organização da saúde pública.

A pesquisa tem como objeto de estudo e parceria o projeto e dispositivo de atendimento gratuito Digaí-maré que oferece um trabalho baseado nos princípios da psicanálise para os moradores do Complexo de favelas da Maré na cidade do Rio de Janeiro desde 2005.

O Digaí-maré tem estado atento para o registro de seu trabalho de forma a poder transmitir sua experiência e buscar criar um método que possa ser replicável e sirva também a outras experiências de profissionais da saúde mental em comunidades marcadas pela violência, exclusão social e subversão dos moldes tradicionais de organização social e familiar.

Apesar do dispositivo psicanalítico tradicional se dar através do atendimento individual, a psicanálise tem buscado alternativas para responder de maneira eficiente aos novos tempos e às novas queixas. O reconhecimento de um modo de vida marcado pela coletividade e por uma certa relativização da noção de privacidade motivaram o Digaí-maré a trabalhar com atendimento em grupo.

Os atendimentos em grupos no centro de atendimento à comunidade são baseados nos moldes do cartel que Lacan propõe inspirado na prática de Bion. Em sua proposta original, o cartel é um pequeno grupo de trabalho que tem como objetivo a produção, tanto de saber, como de efeitos de “sujeito” (visando a emergência da singularidade do sintoma) em seus integrantes. Em um grupo de atendimento, a produção de efeitos de sujeito passa a ser o principal objetivo, por isso o cartel passa a ser um modelo de trabalho favorável. É nessa perspectiva que o Digaí-maré pretende continuar o estudo teórico e a prática com grupos.

Trata-se de um dispositivo que funciona gratuitamente, com tempo limitado e está especialmente apto a lidar com situações em que intervenções pontuais e efetivas se fazem necessárias. Assim sendo, ainda que muitas experiências em grupo, inclusive dentro da psicanálise, tenham sido realizadas,

as características do trabalho proposto o tornam diferente e inovador. O sucesso desse trabalho poderá resultar em ferramentas teórico-clínicas capazes de fundamentar outras iniciativas semelhantes, impulsionando a capacidade transformadora do Digaí-Maré.

A nossa principal ferramenta, parceria e objeto de estudo é o projeto Digaí-Maré, que trabalha com atendimento psicanalítico em grupo inserido na comunidade.

São oferecidos pelo Digaí-Maré grupos de crianças, adolescentes e adultos. A homogeneidade de cada grupo é assegurada pelo interesse comum dos integrantes em partilhar seus sentimentos e elaborações acerca de seus sofrimentos. Além disso, há casos em que os atendimentos individuais são priorizados, quando a equipe assim achar necessário.

Pretende-se discutir também na pesquisa as alterações a que o dispositivo analítico deve sofrer para que seja realizado tal feito. Isso será executado através de uma análise de resultados dos grupos focais feitos com usuários que já passaram pela Digaí-maré e analistas que estão imersos nesse trabalho.

## **2. Justificativa**

A pesquisa teórica sobre Psicanálise e Violência Cotidiana destaca alguns pontos que norteiam nossa pesquisa prática sobre a Clínica dos Grupos e justifica nosso interesse pelo objeto a ser estudado.

1) Fenômenos eminentemente sociais, como desestruturação familiar, fracasso e evasão escolar não podem ser destacados de seu contexto. Os danos psicológicos que os acompanham concernem também e necessariamente a um contexto especificamente subjetivo, ou seja, duas pessoas podem viver uma mesma situação violenta, sendo que uma delas pode ficar extremamente marcada e assustada a ponto de, por exemplo, inibir sua aprendizagem na escola, enquanto que a outra não sofre maiores danos, podendo retomar suas atividades com certa facilidade.

2) O mal-estar que leva alguém a procurar ajuda não deve ser encarado como um mal a ser extirpado. A psicanálise considera o sintoma, esse mal-estar que causa sofrimento, uma espécie de construção singular realizada por cada pessoa. Nesse sentido, um sintoma nunca é exatamente igual a outro, uma pessoa nunca sofre exatamente do mesmo problema que sofre outra, embora à primeira vista possa parecer que duas pessoas sofram da mesma dificuldade. Cada sintoma já traz em si, portanto, por mais surpreendente que isso possa parecer, uma solução em potencial, pois ele porta a história do sujeito e as marcas que lhe são únicas, a partir das quais uma nova solução pode ser criada.

3) Muitas vezes, quando situações inéditas e difíceis se apresentam a alguém e sua forma habitual de se colocar na vida não possibilita o encontro de novas soluções, produzem-se impasses para os quais não é fácil encontrar uma saída. Em muitos casos, práticas educativas auxiliares, atividades esportivas e artísticas ou intervenções de assistentes sociais ou do Conselho Tutelar, por exemplo, são capazes de promover transformações e levar soluções aos problemas enfrentados. Porém, há casos em que essas possibilidades não bastam, porque seus impasses subjetivos o impedem de aproveitá-las. Sabe-

se, por exemplo, que é impossível se concentrar nos estudos quando se está completamente tomado pelo medo da violência – em suas diferentes formas –, e que não há como aprender um novo idioma quando em casa ninguém parece falar a mesma língua.

4) Muitas pessoas se beneficiam enormemente das diversas ações e programas desenvolvidos, por exemplo, pelo Redes-Maré: elas cultivam suas potencialidades artísticas, dedicam-se aos estudos e batalham por lugares nas melhores universidades, informam-se sobre seu mundo e sua comunidade e se enriquecem culturalmente. Outros, no entanto, não conseguem desfrutar dessas mesmas possibilidades ou não conseguem aproveitar essa oferta de maneira satisfatória.

5) A psicanálise trabalha com as marcas que se constroem no percurso da vida,

através das experiências pessoais de cada sujeito. São elas que determinam certas escolhas. Isto é, os medos, os impasses, as angústias e desejos de cada pessoa podem se enredar de forma a podar o prazer da vida e a inspiração de suas escolhas. Nesses casos, a vida pode tomar rumos negativos, sem que o sujeito tenha controle ou consciência dos motivos que o levam a tais caminhos.

Com o exercício da palavra, a psicanálise faz aparecer estas marcas, de forma a que o sujeito possa se confrontar com elas, tomando lugar em suas decisões, sendo capaz de deslocá-las e abrir um campo novo de possibilidades até então inalcançáveis.

Uma característica fundamental do trabalho da psicanálise com a fala é que quem inventa um novo caminho é o próprio sujeito. Por um lado, a psicanálise assume a responsabilidade pelo tratamento de cada um dos sujeitos que se propõem a falar de si, de seus problemas e sofrimentos; por outro, ela não obrigará nenhum desses sujeitos a aceitar soluções dadas de antemão. O que garante que o trabalho da psicanálise seja duradouro é exatamente o fato de que o psicanalista não trabalha apenas com o bom senso, com o aconselhamento ou com a experiência; ele ajuda um sujeito a construir novas soluções a partir das verdades que se provam valiosas em sua trajetória.

A relevância de um trabalho psicanalítico dessa natureza se torna ainda mais aguda em situações como a que vive a cidade do Rio de Janeiro e seus cidadãos, de desamparo social, em que esses cidadãos vivenciam cotidianamente situações de violência, como agentes ou como vítimas, havendo enormes dificuldades para romper este ciclo. As atividades já realizadas pelo Digai–Maré têm mostrado resultados bastante satisfatórios, não só em nossa opinião, como também na de assistentes sociais e coordenadores do Redes-Maré, professores e profissionais da rede pública de ensino, além, evidentemente, na opinião da própria população atendida.

6) Se a clínica social não é uma novidade, o mesmo podemos dizer do atendimento psicanalítico em grupo que, desde Freud com *Psicologia das massas e análise do eu* (1921), estabeleceu uma longa tradição como por exemplo: Bion, Rieckman, Pichon Riviere e outros. No entanto, esses autores tendem a considerar o grupo como um trabalho análogo e equivalente a um trabalho de análise enquanto nossa proposta é promover a experiência de uma abertura para o inconsciente, um encontro com a psicanálise e não exatamente um trabalho de análise, tal como concebido no set analítico.

Em Lacan encontramos raras referências ao atendimento em grupo, mas um extenso trabalho sobre os efeitos imaginários produzidos pelo grupo e alguns textos sobre a lógica do coletivo. É a partir dessas referências que partimos para nossa pesquisa, ou seja, de que maneira um coletivo pode produzir efeitos terapêuticos para além da obscenidade imaginária.

Para delimitar um dispositivo coletivo que produzisse efeitos de elaboração na comunidade Escola, Lacan criou o cartel, um pequeno grupo composto de no mínimo três pessoas e no máximo cinco. Mais-um encarregado da seleção, discussão e do destino a ser reservado a cada um. Após um certo tempo de funcionamento o cartel é dissolvido e seus componentes permutam para outro. O mais-um do grupo deve dar aos efeitos da interpretação um destino: fazer valer, para cada um a novidade desta interpretação e sua posição, ao mesmo tempo levar esta novidade, o produto de cada um, para o plano coletivo do próprio grupo. Definindo, eventualmente, uma tarefa que poderá ter um resultado coletivo e produzir efeitos diretos na comunidade.

### 3. Apresentação do objeto de pesquisa



Fachada do Digaí-Maré

Composto atualmente por um grupo de trinta e dois profissionais, o Digaí-Maré é uma Associação que oferece um trabalho orientado pelos princípios da psicanálise a crianças, adolescentes e adultos no Complexo da Maré, na cidade do Rio de Janeiro. O trabalho é realizado em parceria com três entidades: o Programa de Criança Petrobrás da ONG Redes de Desenvolvimento da Maré (Redes-Maré); a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, através do Departamento de Psicologia; e a seção Rio da Escola Brasileira de Psicanálise.

O Digaí-Maré surgiu em janeiro de 2005 a partir do encontro entre a demanda do antigo CEASM, atual Redes-Maré, por atendimentos psicológicos a seu público-alvo e o interesse de profissionais, norteados pela psicanálise, em trabalhar com esse público. No caso do Programa de Criança Petrobrás do Redes-Maré, as situações que se apresentam costumam estar associadas às

crianças que colocam sérios impasses aos pais e profissionais que com elas trabalham (principalmente professores e assistentes sociais), tais como evasão escolar, dificuldade de aprendizagem, desestruturação e violência familiar, problemas de relacionamento, agressividade, agitação, reações a situações traumáticas e vulnerabilidade social.

Além de receber os encaminhamentos promovidos pelos professores e pelas assistentes sociais do Redes-Maré, o Digaí-Maré também recebe moradores das comunidades que constituem esse Complexo e que procuram ajuda psicológica espontaneamente ou encaminhados por outros serviços de atendimento da cidade do Rio de Janeiro. Dessa forma, em 2005 e 2009, cerca de 900 pessoas – entre adultos, crianças e adolescentes – procuraram o Digaí e ali realizaram um trabalho no sentido de buscar soluções para seus impasses pessoais. Desde dezembro de 2006, o Digaí passou a receber quem o procura não mais nas salas de aula do Redes-Maré, como acontecia entre 2005 e 2006, mas em uma casa alugada pela equipe na comunidade de Nova Holanda e utilizada unicamente para esse fim.

A Maré tem dupla existência. Como "favela" é uma figura do imaginário carioca no qual ganha destaque como uma área de precariedade e exclusão, povoada por cenas de violência e pobreza. Como área geográfica oficial ela é apenas mais um bairro dentre os tantos do município do Rio de Janeiro, composto por 16 comunidades, totaliza 132.176 pessoas e constitui a mais populosa área favelizada do Rio. O bairro, que tem 94% de suas crianças na escola, deve à "favela" sua fama, muito provavelmente por sua localização no entroncamento das três principais vias de acesso ao Rio, uma vez que seus índices são comparáveis aos de tantas outras favelas do município (CENSO CEASM-2000).

A aposta fundamental é que o trabalho desenvolvido pela equipe do Digaí-Maré com os pequenos grupos, constituídos por pessoas da comunidade que procuram auxílio para seus sofrimentos psíquicos, seja capaz de reverberar significativamente na comunidade. Quando alguns conseguem encontrar – através do trabalho realizado nos pequenos grupos com a presença de um clínico orientado pela psicanálise – saídas singulares para impasses e sofrimentos que pareciam não ter solução, reverbera entre aqueles que o circundam a idéia de que invenções próprias, antes impensadas, são de fato possíveis.

São oferecidos grupos de crianças, de adolescentes e de adultos. Esse ano os estagiários do projeto, todos de psicologia, começaram também a desenvolver "oficinas" mas que não buscam ensinar ou construir objetos a serem produzidos com fins de geração de renda para seus participantes.

A criação dessas oficinas teve por objetivo colocar estagiários de psicologia, com pouca ou nenhuma experiência clínica até então, que através de temas subjetivos, como "Inventando histórias", "Teatro de Massinha", "Histórias com fantoches", "Desenhos em quadrinhos", atendessem a uma demanda das próprias crianças que moram perto ou no próprio bairro de Nova Holanda, que inicialmente não buscavam um atendimento psicológico, mas interessados por temas lúdicos, participaram de grupos também, mas com um enfoque menos clínico e experimental.



Fotos de oficinas oferecidas pelos estagiários de Psicologia para um grupo de crianças.



Nos grupos atendidos por psicólogos, a sua homogeneidade é assegurada pelo interesse comum dos integrantes em partilhar seus sentimentos e elaborações acerca de seus sofrimentos. Além disso, há casos em que os atendimentos individuais são priorizados, quando a equipe assim achar necessário.

#### **4. O caráter coletivo do trabalho**

Por que trabalhar com grupos? Apesar do dispositivo psicanalítico tradicional se dar através do atendimento individual, a psicanálise tem buscado alternativas para responder de maneira eficiente aos novos tempos e às novas queixas. O reconhecimento de um modo de vida marcado pela coletividade e por uma certa relativização da noção de privacidade inspirou o Digaí-Maré a propor o trabalho em grupo.

Trata-se de um dispositivo que funciona gratuitamente, com tempo limitado e está especialmente apto a lidar com situações em que intervenções pontuais e efetivas se fazem necessárias. Assim sendo, ainda que muitas experiências em grupo, inclusive dentro da psicanálise, tenham sido realizadas, as características do trabalho proposto o tornam diferente e inovador. O sucesso desse trabalho poderá resultar em ferramentas teórico-clínicas capazes de fundamentar outras iniciativas semelhantes, impulsionando a capacidade transformadora do Digaí-Maré.

A experiência tem dado mostras de que a escolha foi acertada. O que poderia ser um empecilho ao tratamento, graças a uma eventual dificuldade em

manifestar o próprio sofrimento num ambiente grupal, tem se mostrado, na verdade, uma valiosa ferramenta. O reconhecimento de que a vida traz dificuldades a todos e a aposta de que é possível promover profundas transformações através da própria fala e de um tratamento devidamente orientado tende a “contagiar” o grupo, tão logo os primeiros movimentos nesse sentido são notados. O trabalho em coletivo tem se mostrado adequado à tarefa de responder com agilidade às situações que demandam efeitos rápidos, sem que o essencial da prática psicanalítica se perca.

Por um lado, o grupo valoriza as criações singulares feitas por cada um dos seus participantes, fazendo desse ‘caldo’ de criatividade e ‘saber-fazer’ uma fonte valiosa de ajuda para uns e outros; por outro, tem servido para promover o respeito diante do sofrimento alheio, revelando que as respostas prontas e vindas de fora tendem a ser insuficientes para solucionar os problemas de cada um. Nessa brecha, entre a solidão do sofrimento e a riqueza do coletivo, o Digaí-Maré tem encontrado um dispositivo ao mesmo tempo fiel aos princípios teóricos de uma prática clínica que já conta com mais de um século de experiência, mas que também está aberta a transformações.

O objetivo do Digaí-Maré é, assim, intervir positivamente em situações psicológicas delicadas, marcadas pela violência em suas mais diversas manifestações, através de um trabalho especialmente formulado de modo a favorecer a multiplicação na comunidade do trabalho realizado no seio do Projeto. Para tal, realiza-se uma atividade clínica em grupo na comunidade de Nova Holanda.

O trabalho do Digaí-Maré pretende permitir a cada participante defrontar-se com seu sofrimento de modo a produzir novas escolhas e abrir um campo novo de possibilidades até então inalcançáveis. Desse modo, a experiência teórico-clínica da psicanálise tem sido manejada pelo Digaí-Maré como uma ferramenta especialmente apta à intervenção pontual capaz de romper com círculos viciosos de sofrimento e violência.

O Digaí-Maré visa, portanto, o estabelecimento de um modelo de intervenção eficaz e sensível ao objetivo de causar efeitos em uma comunidade, além de acolher e contribuir para a formação de universitários em um ambiente de engajamento social.



Fachada e entorno

## 5. Objetivos da Pesquisa

**O objetivo básico da pesquisa é avaliar conseqüências e impactos da aplicação de um dispositivo analítico em grupos.**

Serão objetivos principais os seguintes itens:

1. elucidar problemáticas que tangem a formação do psicólogo clínico, uma vez que

a psicanálise como uma ferramenta deve ser objetalizada para verificação das condições de sua aplicabilidade.

2. a relação que a psicanálise aplicada pode estabelecer com o território, aqui entendido, orientados por Deleuze, pelas instâncias pessoais e institucionais que atravessam a experiência do sujeito, incluindo: o lar, a escola, a igreja, o clube, a lanchonete, o morro. Em outros termos, “O espaço é geográfico, mas o lugar não. (...) o lugar é uma instância do sentido” (Ferrara, 2003, p.208)

no qual ela se insere (que vai para muito além do simples encaminhamento de usuários).

3. A construção de um método de avaliação qualitativa do tratamento pode ser um

achado para a psicanálise, uma vez que esta avaliação é profundamente dificultada por

vários motivos que se relacionam ao sigilo clínico dentre outros.

4. Quais os remanejamentos que o dispositivo analítico deve sofrer para que sirva como ferramenta frente ao sofrimento do sujeito em situações de violência, trauma que não se apresentam da maneira clássica.

## 6. Metodologia

A metodologia que vínhamos utilizando até o ano passado teve de sofrer alterações. O método que vinha sendo previsto era baseado em grupos focais, porém a dificuldade de acessar uma quantidade expressiva de ex-participantes e usuários do projeto que justificasse a proposta metodológica, nos fez pensar em outro método investigativo.

Por questões não só práticas como contextuais, em que alguns dos ex-usuários se disponibilizaram a participar dos grupos, mas muitos outros já não respondiam de seus telefones de cadastro, outros já não mais moravam nos mesmos endereços, além de alguns não terem mesmo se disponibilizado, acreditamos ser mais profícuo reformulamos a nossa metodologia, empregando o Método de Explicação do Discurso Subjacente (MEDS), cuja coleta de dados é feita por meio de entrevistas abertas. Cinco encontros com os psicólogos participantes do projeto ao longo do primeiro semestre de 2009 ocorreu, e mais cinco encontros foram propostos para o segundo semestre.

Esta foi nossa principal aposta para recolher informações que posteriormente serão lidas na Divulgação de Resultados.

### 6.1. Método previsto

Qualitativo, coletado através de entrevistas abertas. Os depoimentos foram integralmente transcritos e submetidos à análise, posteriormente resumidos e disponibilizados na Divulgação de Resultados em forma de itens de relevância.



## **6.2. Participantes das Entrevistas**

A pesquisa está sendo conduzida com alguns dos próprios psicólogos e estagiários que fazem parte do corpo clínico do Digaí-Maré. Todos encontros contaram com os mesmos participantes: 8 psicólogos clínicos (entre eles o coordenador do Digaí-Maré) e mais 3 estagiários.

Estes disponibilizaram o local onde se reúnem semanalmente para discussões gerais a respeito do dispositivo, a Sede da Escola Brasileira de Psicanálise, para que as entrevistas da pesquisa ocorressem.

O grupo entrevistado passou por cinco entrevistas no primeiro semestre e por enquanto uma entrevista no segundo semestre. Estão previstas mais quatro entrevistas até o final deste ano.

O tempo de ocorrência variou entre meia hora e uma hora para cada uma das entrevistas. As duas pesquisadoras iniciaram o grupo com uma pequena explicação sobre o objetivo do encontro, e propuseram algumas perguntas ao longo das entrevistas, colocando-as quando conveniente, não intervindo tanto na dinâmica do grupo de pesquisados, proporcionando um ambiente favorável à discussão.

Num segundo momento, as pesquisadoras transcreveram as entrevistas, a fim de ressaltar no discurso dos participantes do projeto os pontos que mais apareceram em suas falas, a fim de ressaltar suas expectativas e frustrações, acertos e dificuldades a respeito do projeto.

## **6.3. Instrumentos**

Gravações em áudio das entrevistas realizadas até então e suas respectivas transcrições.

## **6.4. Análise dos resultados**

Retiradas as perguntas, foram reunidas as principais informações que apareceram nas entrevistas e seus preponderantes pontos de questionamento.

Foi criado um resumo que aparece a seguir com informações importantes do dispositivo, visando informar como a violência cotidiana vem sendo trabalhada dentro desse dispositivo estudado, a fim de cada vez mais traçarmos um perfil completo do nosso objeto de estudo.

Com efeito, pretendemos escrever um artigo a ser devolvido para o próprio Digaí-Maré, na conclusão desta pesquisa.

## **6.5 Divulgação dos Resultados**

### **Público-alvo preponderante: crianças**

No primeiro semestre de 2009, o Digaí recebeu aproximadamente 120 pessoas, um volume que corresponde ao dobro do mesmo período do ano passado. A grande maioria dos pedidos de atendimento – em torno de 90% - foram feitos para crianças. A origem dos encaminhamentos é cada vez mais diversa: Redes, Associações locais, Postos de saúde, hospitais gerais, escolas da Maré e ex-usuários que divulgam.

Como se vê, tanto por uma questão numérica quanto por sua complexidade, o tema do atendimento a crianças e do trabalho que se faz com a demanda dos pais é fundamental e toca em pontos cruciais não somente da orientação clínica do Digaí como das relações com todas as instituições que encaminham usuários. Isso porque o trabalho clínico nem sempre vai ao encontro da demanda generalizada de receber e “curar” as crianças de seus males.

Sobre esse assunto, a orientação faz atentar para o lugar que a criança e seu sintoma têm na família e no casal parental. Ou seja, em decisão de receber ou não as crianças, sempre leva-se em conta a importância de que a “implicação” dos pais não se resume à preocupação ou ao cuidado com o tratamento, mas que seja fruto de percepções singulares sobre o cruzamento dos sintomas infantis com as questões que os perpassam.

Sobre esse aspecto, que obviamente é muito mais complexo e cheio de nuances, podemos dizer que o Digaí aprende e se orienta por tudo aquilo que já se produziu sobre o tema da análise com crianças na orientação lacaniana.

Nas oficinas, o caminho era outro: havia espaço também para demandas genéricas de participação, proximidade e até mesmo de recreação e apostava-se no a posteriori dessa recepção.

Nesse momento, a situação se desenrola da seguinte maneira: as oficinas deixaram de existir e eles somente recebem crianças a partir de um pedido feito pelos pais que parta de alguma queixa que possam chamar genericamente de sintomática.

## **Trabalho em grupos**

A metodologia em ação – pequenos grupos para buscar uma abertura ao inconsciente – tomada como um dispositivo pronto, um produto a mais no mercado de ações participativas do terceiro setor. Teoricamente, o dispositivo estaria ao alcance de qualquer um mediante uma rápida capacitação. As novas gerações dos profissionais “psis” há muito foram levadas a abandonar o modelo “profissão liberal” como ganha pão. São funcionários do governo na Saúde Mental, no ministério da Educação e mais recentemente no da Assistência Social. São também mestrandos e futuros professores universitários. O trabalho nos centros de atendimento tem um enorme poder de convocação para eles, até mais do que a Escola, mas como garantir nesse trabalho a presença do discurso analítico? Até então havíamos contado com os membros da Escola como garantia do que fazíamos. Seria o bastante? Com o quê deveriam contar eles?

A demanda do mestre contemporâneo é clara: multiplicar, estender a todas as comunidades da Maré o atendimento e os efeitos terapêuticos. Ela se apresentou, entretanto, sob forma muito simpática, pois não se limitava ao apaziguamento, à redução das tensões sociais. Longe do utilitarismo vigente, não pedia apenas eficácia. Os interlocutores que no Digaí se encontram percebem uma diferença qualitativa na orientação lacaniana e apostam nela, mesmo não hesitando em pedir-lhe que se torne um produto na prateleira.

Estes parceiros são sobretudo militantes. É bem verdade que suas causas são um pouco distintas daquelas que orientam os psicanalistas desse

projeto. Mas estão mais que advertidos para a insuficiência dos ideais sociais em lidar com a violência cotidiana.

Nesse ponto foram muito oportunas as Entrevistas. Elas esclareceram-nos quanto ao risco de deixar, pelas melhores razões, o radical da psicanálise passar para o segundo plano. A escolha, colocada entre a psicanálise e a intervenção política em nosso campo social, fica, então, fácil. Fácil porque forçada. Chegou-se à psicanálise por mil caminhos, muitas das vezes belas razões, que quase nunca são as que nela nos fazem ficar. Nossas razões mais definitivas descortinam-se, em uma análise, sempre articuladas mais com o singular do que com o universal. A psicanálise, para cada um que nela vive, não é uma escolha, como se diz de uma matéria eletiva na faculdade. Por isso não poderia ser uma opção entre várias para uma melhora social.

### **Por quê estar ali?**

Por enquanto ficamos com uma lista provisória: para explorar as fronteiras entre o social e o clínico, buscar ali um lugar para o analista - longe da salvação dos desassistidos, da idealização dos miseráveis e do voyeurismo classe-média -, encontrar uma ação lacaniana que integre o discurso analítico e não apenas sirva a ele, e que, ao mesmo tempo, seja presença cidadã, em seu sentido forte, de alma da polis, tão essencial neste nosso caos cotidiano.

### **7 Conclusão**

Essa pesquisa já avançou bastante mas pretende contribuir mais com a comunidade científica até a conclusão desse ano.

Primeiramente pelo fato de que se estivermos num caminho correto, a clínica pode ser uma poderosa ferramenta social e política, desfazendo uma posição cristalizada de um sujeito que insiste em se identificar com seu sofrimento. Por outro lado, essa pesquisa permitirá lançar produtivas luzes sobre a produção conceitual que a psicanálise está submetida ao “ir à cidade”.

Quanto a articulação do serviço esperamos que tal produção teórica incite uma maior comunicação entre os centros de atendimento públicos e o Digaí-Maré para que se possa galgar esses efeitos transformadores que aqui pretendemos verificar também em outros dispositivos.

### **8 Referências bibliográficas**

- BRANDÃO, Carlos R. Respondendo a Pesquisa Participante. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.
- BAUMAN, Zygmunt. Comunidade: A busca de segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- COTTET, Serge. O Psicanalista aplicado. In: Pertinências da Psicanálise Aplicada: trabalhos da Escola da Causa Freudiana reunidos pela associação do Campo Freudiano, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2007
- DELEUZE, Gilles. Conversações. Editora 34, 1992.

DERRIDA, Jacques. A Farmácia de Platão. São Paulo, Iluminuras, 2005

FREUD, Sigmund Sobre o início do tratamento. Edição Standard Brasileira das Obras Completas, vol XII. Rio de Janeiro: Imago, 1913

FOUCAULT, Michel. A Arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: A vontade de Saber, 16ª. edição, GRAAL, 1988

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: A história da violência nas prisões, 3ª. edição, VOZES, 1984

LACAN, J. (1964a) Posição do inconsciente. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, J. (1964b) O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1979.

LACAN, J. (1962-63) Le Seminaire, livre X: L'angoisse. Paris: Éditions du Seuil, 2004.

LACAN, J. (1972-73) O Seminário, livro 20: Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, J. (1975-76) Le Seminaire, livre XXIII: Le Sinthome. Paris: Éditions du Seuil, 2005.

LACAN, J.(1946) "A Psiquiatria inglesa e a guerra", Outros Escritos, Rio de Janeiro: Zahar.

LAURENT, E. (2004) A sociedade do sintoma. Latusa: A política do medo e o dizer do psicanalista, Rio de Janeiro, EBP-RJ, n. 9, p.9-25.

LAURENT, Éric. Dois aspectos da torção entre sintoma e instituição. In: Pertinências da Psicanálise Aplicada: trabalhos da Escola da Causa Freudiana reunidos pela associação do Campo Freudiano, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2007

LAURENT, E. "Lo real y el grupo". In: Ecos y matices en psicoanálisis aplicado: clínica de la psicosis, la fobia, el FPS y el pequeno grupo. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2005.

LAURENT, E. "Sete problemas de lógica coletiva na experiência da psicanálise segundo o ensinamento de Lacan". In: Opção Lacaniana, n. 26/27, abril, 2000.

MILLER, J-A. (2004) Uma fantasia. Opção Lacaniana, São Paulo, n. 42, p. 7-18, fevereiro, 2005.

RECALCATI, M. (s/d) Clínica del vacío: anorexias, dependencias, psicosis. Madrid: Editorial Síntesis.

RIZZINI, I., CASTRO, L.R. e SARTOR, C.D. A pesquisa participativa. In: \_ Pesquisando... Guia de Metodologias de Pesquisa para Programas Sociais. Rio de Janeiro: USU Ed. Universitária, 1999.

THIOLLENT, M. Conceção e organização da pesquisa. In: Metodologia da Pesquisa-Ação. São Paulo: Cortez, 1986.

VIEIRA, M. A. "A (hiper)modernidade lacaniana", *Latusa* n. 9, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2004, pp. 69-82.